



TUMULO DE RICHELIEU.

O TUMULO do cardeal de Richelieu, que ainda hoje se conserva na Sorbonna, é reputado como o primor do cinzel do famoso mestre d'esculptura Francisco Girardon, natural de Troyes, e nascido quem uns que no anno de 1628, asseguram outros que no de 1630. Houve quem sustentasse que os ricos desenhos do bello mausoléu, que damos n'este n.º, eram todos do lapis de Lebrun; mas Girardon, com uma alma nobre como tinha, se estivesse em divida para com elle, não abriria no monumento « *Fr. G. inventou e fez* » — nem Lebrun. era homem para se calar diante de semelhante impostura.

A escola de Girardon não se pautava pelo molde da arte greco-romana. O seculo e as propensões do artista aflastavam-n'o da imitação rigorosa. Na sua epocha o fausto e o galanteio invadiam tudo, e passavam dos costumes perfumados da cõrte para o marmore, o bronze, e o gesso. Para alegrar os jardins, donde já espareciam as poeticas visões de mademoiselle de La Vallière, Luiz XIV ordenava ao jaspe e á pedra que imitassem a ligeireza e o gracioso sorrir das bellezas mundanas. O grande rei não se arrebatava pela compostura da estatua grega, preferia-lhe o braço arredondado, o gesto meigo, aquella posição toda gracas, que affaga o deleite, e arranca do fundo d'alma um suspiro languido.

Quando Corneille na tragedia fundia os seus personagens com a força viril e as paixões severas de Roma, Puget pela esculptura tirava da pedra os bustos de heroes a que a admiração se inclinava, mas que eram frios, grandiosos de mais para captivar a

sympathia. Nenhum d'elles cabia nas proporções verdadeiras, e ambos as excediam para attingir um ideal maior que a realidade, e por isso mesmo mais gigante do que terno. Racine e Girardon pelo contrario deslumbravam pela singela belleza, que toca no coração; belleza humana, affectuosa pela divina harmonia, que a espiritualisa, menos elevada que a outra, porém muito mais natural e verdadeira. As duas escolas levantavam-se até a altura do genio creador por diverso caminho: a primeira nas azas do pensamento rigido e do classico austero: a segunda pelo fogo sagrado do amor. Corneille e Puget eram romanos em França; Racine e Girardon eram francezes em Roma; e d'esta divergencia essencial se resumiria a differença dos dois systemas. Os primeiros deslumbravam, obrigando a admira-los; os segundos, sabendo o segredo do peito humano, prendiam o espectador pelas commoções da alma. É por isso que Girardon nunca foi Promethen, que infundisse nas suas obras o fogo do céu, possuindo como ninguém o sublime instincto de indicar a sensibilidade das carnes. Quando os dedos apalpam os contornos tão brandos e suaves das suas estatuas, quasi que receiam vê-las estremecer de repente.

Duas palavras mais sobre o artista. — Girardon sentiu desde o principio aquella vaga tristeza, signal de uma vocação que hesita e procura o seu destino. Levava horas inteiras abysmado a contemplar a natureza; — depois accendia-se o ardor, a febre da inspiração. acalmado em esboços interrompidos, em desenhos truncados: a fronte curvada á revelação do

ideal, o peito comprimido pelo tumulto da duvida e da esperança em lucta lá dentro; e no meio d'esta agonia, a historia do inevitavel martyrio com que a cegueira das familias attribuiu sempre, constringendo-os, os primeiros ensaios do genio precoce. A isto se reduziu a mocidade do celebre escultor.

A contar do dia em que livremente lhe foi permitido consagrar-se ao culto das artes, a sua carreira foi grande pela gloria, mas pacifica e igual. Nem revizes, nem rivalidades, nem perseguições. Entre o amor ao berço natal e a devoção da esculptura, atravessou por todas as tempestades do mundo até adormecer nos braços da morte sem dôr nem afflicção. Foi um lindo dia de inverno, que a noite apagou nas trevas; dia raro, e minguido sobre tudo porque sobressaía na estação sombria, illuminado de um sol vivo e creador.

N'outro artigo esboçaremos o character do cardeal de Richelieu, a quem se levantou o soberbo mausoléu da Sorbonna. Era justo começar pelo artista — o homem d'Estado, posto que tão superior, pôde muito bem admittir que elle o preceda: — felizes ainda aquelles que não vivem só do marmore em que se mandaram retratar, ou do poema em que insinuaram allusões parciais e lisonjeiras. Anda ainda na historia e no mundo muito Affonso d'Este sem cardeaes Hypolitos.

O HADJEB DE KORDOVA.

(972 a 992)

I

Os jardins d'Azahrat.

MORRERA o famoso kalifa El-Hakem, levando ao apogeu da grandeza e prosperidade o imperio kordovez. As luctas immensas da raça arabe e da raça goda na Peninsula tinham adormecido, ou pareciam adormecer. Os filhos de Pelayo encostavam, momentaneamente ao menos, ao canto do lar a pesada lança, que tantos annos lhes havia levado a temperar nas aguas do Astura, a afiar nas rochas de Covadunga — e os herdeiros de Tarik deixavam descangar ao lado a rude cimitarra do Maghreb.

A El-Hakem succedêra, no nome, seu filho Hecham criança de dez annos, e, no mando, Mohammed-I-en-Abdallah, nomeado hadjeb, e tutor do moço principe.

Mohammed dissipára o bando dos seus inimigos como o vento do céu varre as nuvens da tormenta. Guerreiro feliz, corteção prudente, dominador sem rival, o hadjeb via elevar-se progressivamente o edificio das suas prosperidades sobre as ruinas dos seus adversarios.

Não tinha o titulo, mas tinha o poder de um soberano. Não se assentava no throno, mas fazia mais — dominava o monarcha. Cercava o por toda a parte a paz e a ventura. No meio porém d'esta atmospheria de felicidades ouvia se o que quer que fosse, como um rumor de tormenta no horizonte...

O alcaçar de Azahrat, fundação do kalifa morto, erguia-se no meio da sombra e do silencio como o vulto immenso de um gigante a descangar estendido. Nenhum rumor de dentro vinha quebrar a calada da noite; e a ruidosa habitação do soberano kordovez parecia ter adormecido com todos os seus moradores.

Não dormiam todos porém. Quem penetrasse nos jardins do alcaçar, e percorresse em toda a sua extensão aquelles vastos massigos e bosquedos, ouviria suspirar baixo ao pé d'uma fonte de marmore, onde se despejava do alto uma veia d'agua cristalina.

Mas que suspirar aquelle! Quasi que se não podia bem distinguir se era a fonte que se lastimava, se era a voz humana que murmurava.

Só quem se approximassem veria uma alva figura de mulher, immovel, de pé, encostada ao alto parapeito da bacia de pedra; como a estatua pendida na urna d'um monumento.

Era esta poetica figura que soluçava — era ella que misturava os seus queixumes com o gemebundo susurrar da agua.

Quem a levára alli áquella hora a prantear dôres ou a gemer saudades?

A noite corria escura e voluptuosa. As estrellas vertiam para a terra aquella tremula e indecisa claridade que augmenta os mysterios e faz abrir as flores do coração. O ar estava embalsamado de mil perfumes diversos. Os jasmims de Toledo, as rosas d'Africa, e os loureiros da Grecia entrançavam-se na terra, e misturavam no espaço as suas exalações odoríferas: era uma hora de amor e mystica solidão, como a deviam de invocar os guerreiros kordovezes nos seus dias de paz e de castigo.

A pouca distancia da fonte ia uma rua tapada de murtas, que se ia embrenhar no interior dos jardins; um lanço de muro dos pateos interiores vinha quasi morrer-lhe ao pé.

Dois vultos de homem surgiram ao mesmo passo juncto da dolorida solitaria. Um, trajado do escuro, silencioso, sombrio, acautelado, saía d'entre as murtas espreitando attentamente as trevas, parando a cada passo, e como querendo adivinhar o que não podia sentir — o outro, adiantando-se confiadamente, coberto d'um amplo manto alvaceo, e deixando ondear as pregas amplas em roda da nobre e magestosa figura. Tão altivo e ousado era o porte d'este, como suspeitosos e prudentes eram os meneios do outro.

Chegados a breve espaço da fonte, pararam ambos. O que se escondia, como era natural, presentiu primeiro o que se não occultava, e retrahindo-se diante d'elle com dobradas precauções, oppressa a respiração, accessos os olhos, immergiu-se de novo nas sombras do arvoredor.

O vulto do manto branco adiantava-se no entanto.

Ou fosse que, esperando já alguém, a figura da fonte não estranhasse o rumor d'aquelles passos que se approximavam, ou fosse que, toda embebida na sua meditação, os não sentisse, é certo que não pareceu dar pela vinda d'elle senão quando este lhe era já chegado ao pé.

Voltou e então subitamente, como quem desperta d'um longo lethargo, e exclamou em atos de reprehensiva:

— « Vens tão... »

Evidentemente a pessoa que viu não era a que esperava; que as palavras sumiram-se-lhe nos labios, e, tremendo toda como um vime, ponde apenas balbuciar:

— « Vós!... aqui? »

— « Aqui — tornou uma voz sonora e cheia — e se aqui. A formosa Gelohira bem sabe que n'outra parte... »

— « N'outra parte seria uma fraqueza dar ouvidos ao hadjeb de Kordova: aqui é um crime »

— « Porque? »

— « Porque em quanto o poderoso Mohammed desce escondido a perseguir nas trevas quem não pôde ser sua, desespera-se talvez lá em cima quem elle não deve esquecer. »

— « Lembra-m'o demais. »

— « Ella é uma princeza, senhor; eu sou uma escrava. »

— «Dize uma palavra: será ella a escrava, tu a princeza.»

— «E o que vós lhe deveis?»

— «Não lhe devo nada.»

— «E o que ella póde?»

— «Não póde nada.»

— «Não é a mim que me pertence aconsellar-vos, senhor; mas se a voz de uma escrava póde alguma cousa no vosso coração, recordai-vos que Shobeia...»

— «Vacillava no seu throno: foi este braço que a segurou n'elle. Não era amor, era ambição o que a movia. Apertei a corôa na cabeça de seu filho, conservei-lhe os seus títulos, e sacrificando os meus dias e as minhas noites tomei n'estas mãos robustas as re-deas do imperio, que estava em riscos de se despenhar. Não lhe devo nada. Que me importam as suas lagrimas? que me faz a sua cholera? Não a temo tam-pouco.»

— «Eu sei, senhor. eu sei que o vosso poder é im-menso, sei que as vossas iras são terríveis. Mas de certo não haveis de emprega-las contra...»

— «Contra quem?» — interrompeu em tom rude e de-abrido o hadjeb.

— «Contra uma pobre muller» — clamou a don-zella caíndo a seus pés n'uma violenta explosão de la-grimas!

O guerreiro kordovez fitou os olhos ardentes n'a-quella figura angelical, dobrada na terra, chorosa e prostrada ante elle, e por um momento as linhas d'aquelle rosto severo e tostado pareceram distender-se n'um impulso de compaixão.

É que realmente nada se podia ver mais doloroso e gentil do que o gesto e a attitude e o todo de Ge-lohira, desesperada e supplicante.

Gelohira reunia a graça á magestade; sorria-lhe no rosto a innocencia e a candura; resplandecia-lhe no aspecto a energia e a nobreza. Nascida nas mon-tanhas, tinha no porte o que quer que fosse de forga varonil, temperada pela graça e pelo melindre, que são o poder do seu sexo. Ora se erguia altiva como o roble das serras, ora se curvava timidamente como o lirio do valle: os olhos negros e rasgados, semi-vela-dos por uma longa franja de sobranceiras a-setina-das e recurvas, eram demasiadamente brilhantes pa-rra encarar a terra, só se abriam em todo o seu regio esplendor para contemplar o céu!

Gelohira, filha do paiz de Amaya, fôra feita pri-sioneira n'uma correria, e conduzida a Kordova com outros seus companheiros do desterro. Em Kordova o extraordinario da sua formosura fe-la para logo ac-ceita de Shobeia, mãe do moço principe Hecham, a quem fôra dada como escrava. Viu-a o impetuoso hadjeb, e o mesmo foi ve-la que ficar para lo-go a arder por ella na mais violenta chamma que nunca devorou um coração. Longo tempo suffocara Mohammed o incendio que lá dentro lhe lavrava: fôra o amor de Shobeia que o levára áquelle ponto de po-der; receava offende-la, e attrahir a sua cholera. A final, porém, seguro do seu dominio, e não podendo já conter os impetos furiosos que o assaltavam, resol-veu pôr termo aquella horrenda incerteza, e abrir-se com a linda christã.

Vigiando-a de noite e dia vira-a descer aos jardins, e seguira-a contendo difficilmente no peito aquel-la torrente de chammas que ameaçava de trasbor-dar.

Gelohira conhecia o hadjeb, e era por isso que se lhe lançara aos pés n'aquelle impulso estranho de ter-ror e de pranto.

O movimento de piedade que parecêra apoderar-se do guerreiro fôo como a orda que escende por instan-tes o aspero caleço d'um rochedo, mas que se quebra

sobre elle, e se retrahê sem o amollecêr, deixando o como o achára.

— «Gelohira, sabes que te amo!» — prorompeu Mohammed com a voz alterada.

A virgem goda só respondeu com um grito de ter-ror e angustia, que resou no ambito immenso dos jardins como um brado de agonia. Uma especie de rugido abafado respondeu-lhe ao longe, podendo to-mar-se por um echo.

Gelohira conhecia a implacavel resolução que si-gnificava aquella subita confissão do hadjeb.

Não supplicou mais. Sabia perfeitamente que seria tudo inutil.

— «Levanta-te, escrava» — continuou Mohammed, suffocado pela violencia do que lhe fervia lá dentro.

Gelohira poz-se em pé de repente como se algum occulto machinismo a tivese feito mover. O rosto dis-putava pallidez com os marmores da fonte. Os olhos dilatados, quasi resplandeciam nas sombras, a curva magestosa da fronte parecia rodeada d'uma aureola deslumbrante. A altiveza do seu porte rivalisava com o do guerreiro.

Mohammed contemplou-a de novo como assombra-do, e, sem poder já conter-se, exclamou imperioso com a voz estrangulada pela anciedade:

— «Segue-me.»

— «Morta sim; viva não.»

Urrou a virgem de Amaya, e o lampejar d'um ferro como que lhe allumiou as mãos de alabastro.

— «Tinha previsto já este momento» — accrescen-tou ella, e algou o punhal sobre o peito.

O guerreiro porém foi mais prompto. Com um simples movimento d'aquelle braço robusto fez cair na terra o instrumento homicida, e travando irresis-tivelmente da mão á virgem, clamou em tom de pun-gente ironia:

— «O teu braço, Gelohira, não está affeito a estes brincos.»

— «Mas está o meu!»

Trovejou n'este momento ao ouvido do hadjeb uma voz medonha, e um como raio furioso desceu scintil-lando ao peito do guerreiro que vacillou.

— «Tambem eu estava prevenido — respondeu el-le espumando — não se abre assim o arnez de Mo-hammed.»

É arremegando-se como o tigre ao imprudente que o assaltava, começou entre ambos uma d'aquellas luctas silenciosas e desesperadas, que não acabam senão com a morte.

Os dois vultos, do hadjeb e do desconhecido, tra-vados arca por arca, luctaram longo tempo, aperta-dos os peitos, entrançados os braços como dois athle-tas no circo; depois vieram ambos a terra como dois carvalhos seculares, que desabassem abraçados, fetti-dos ao mesmo tempo do machado do lenhador...

E continuaram a lucta como duas serpentes os que se haviam acommettido como dois leões.

No fim d'algun tempo um dos vultos ficou pro-strado no chão, o outro ergueu-se dilacerado. Tinha uma tempestade no rosto: o manto bruceo pendia-lhe espedaçado. Maculavam-no todo largas nodos vermelhas.

Era o hadjeb.

Estendeu os olhos em roda. A virgem goda jazia a poucos passos prostrada: succumbira ao horror d'a-quelle espectaculo.

O guerreiro kordovez arrojou-se para ella rugindo de prazer, ergueu-a do chão manchando lhe as bran-cas vestes no sangue que o cobria, e, voando com ella, desapareceu nas profundas arcadas do alcaçar.

(Continúa.)



PADRE THEODORO D'ALMEIDA.

DIFFICILMENTE reunirá Portugal tão grande numero de homens distinctos por saber profundo e variado, fervorosos na constante applicação a trabalhos litterarios, como no memorando reinado d'elrei D. José: muitos d'elles doutrinaaram e enobreceram a patria até o começo do presente seculo; do empenho e diligencias de quasi todos nasceu a restauração dos estudos, e com ella a reforma da Universidade: por seu exemplo e magisterio deixaram bons discipulos e imitadores. — E geralmente celebrada a memoria do bispo conde reformador, do mathematico Monteiro da Rocha, do eruditissimo prelado Fr. Manuel do Cenaculo, do sabio padre Pereira de Figueiredo, e de outros: porém ha muitos nomes ignorados ou esquecidos, que são dignos de menção por notaveis esforços, que tinham por movel o amor da sciencia escorado na vastidão de conhecimentos. As recordações de tão zelosos cultores da intelligencia ou ficaram quasi soterradas nas ruinas dos claustros em que floreceram, ou jazem escondidas com o pó de livros que ninguem sacode; e contudo foi a esses homens devido o moderno adiantamento; lá saíu o progresso das aulas particulares que criaram ou regeram, quando no ensino publico campeava poderosa e fatua a philosophia alcinhada de aristotelica, a par da sua companheira, não menos arguciosa, a theologia scotista; então os estudos inferiores não eram por melhor methodo tractados. O indicado Cenaculo diz a este proposito (*Mem. Hist. dos progressos e restabelecimento das letras*): «Quando os estudos geraes tem degeneração ou se reduzem á influencia do mero costume, fica reservada aos particulares a excepção que lhes faz gloria pelas suas tentativas e exemplos em adiantar o partido das sciencias.» Por isso bem merecem da posteridade os talentos são que animosos, a despeito de quaesquer considerações e influencias pessoas ou da epocha, propagaram a verdadeira doutrina, desempegando o caminho para os vindouros; mormente porque o intentaram n'um tempo em que (conforme escreveu o Sr. Trigo) «não poucos preferiam á verdadeira honra, que dá a sabedoria, as honras e contemplações exter-

nas, dependentes do vicioso systema litterario que gozava exclusivamente do favor publico; a maior parte não estimava o que não sabia, e o que não queria aprender; e se algum tinha a constancia de affrontar descobertamente os antigos prejuizos, ficava exposto ao escarneo dos que presumiam de sabios, e era desamovavelmente atacado no seu saber, na sua moral, e até na sua crença.» Todos sabem quantas tempestades se excitaram entre nós por occasião do *Verdadeiro methodo de estudar* de Verney, e das primeiras obras que publicou o padre Antonio Pereira de Figueiredo. — Na conta d'esses varões desconhecidos deve entrar o padre João Baptista, da Congregação do Oratorio, de quem diz o abbade Barbosa: «alcangou a gloria singular de ser o primeiro que n'esta côrte dictasse a philosophia moderna, que totalmente se ignorava em Portugal»: deixou impresso um curso em latim em dois volumes de folio, valioso para o seu tempo; e entre os seus discipulos sobresaíram o bispo Cenaculo, e o padre Theodoro d'Almeida, o qual (na Cart. 39.^a das *Physico Mathem.*) o nomeia *varão d'eterna saudade, a quem devo esse pouco que sei do conhecimento da natureza.*

Com as lições de seu mestre aproveitou tanto o padre Theodoro, que se habilitou para continua-las, aperfeiçoadas com as numerosas experiencias e descobrimentos que diariamente se faziam nos amplos dominios das sciencias physicas. E tal foi o enthusiasmo de que se possuiu por semelhante estudo, que toda a sua vida o professou, não só nas aulas, mas em lições particulares, dentro e fóra do reino, consagrando-lhe o tempo que lhe sobrava das occupações do seu estado, em que não foi menos assiduo, como o provam o continuado exercicio do ministerio evangelico, e muitas obras asceticas que deu á estampa. A philosophia experimental servia-lhe de recreio; folgava de trabalhar com as machinas na presenca de alumnos curiosos, demonstrando practicamente as verdades então conhecidas nas sciencias naturaes; e tanto se deixou levar d'este louvavel impulso que, a beneficio dos que não possuíam principios elementares, compoz os seis primeiros tomos da *Recreação Philosophica*, em dialogo, nos quaes procurou ser claro, e adoptou um methodo facil para as intelligencias vulgares. D'aqui nasceu que esta obra, deficiente já no seu tempo, foi pouco estimada dos entendidos na materia, censurando-se-lhe algumas opiniões singulares, por exemplo, a substituição da theoria newtoniana da luz: taxaram-na tambem, quanto á fórma dialogistica, de pouco peso nas objecções do philosopho peripatetico, que facilmente o pedagogo destruiu, incutindo a opinião propria. Contudo é innegavel que este escripto, com todos os seus defeitos, concorreu muito para excitar á leitura de obras mais graves, e para diffundir notavelmente o gosto pelo estudo das sciencias naturaes, então concentradas nas academias e fóra do alcance dos curiosos. Foi um serviço do padre Almeida, que é hoje reconhecido; por esta razão o apresentamos como facto principal da sua biographia litteraria. Dos quatro volumes que completam as *Recreações* nada diremos, senão que a apologia da Religião, assumpto dos dois ultimos, foi dictada por boas intenções. Seguiram-se-lhes, como supplemento, os tres volumes pseudonymos das *Cartas Physico-Mathematicas*, destinadas principalmente a tornar populares as noções de geometria e de mechanica.

Se considerarmos a vida do padre Theodoro, independente do character e funcções do sacerdocio, acharemos que em grande parte a consagrou á sua applicação predilecta, as sciencias naturaes. — Aos vinte e quatro de idade tinha sido nomeado substituto de

uma cadeira de philosophia na sua Congregação, e aos vinte e nove já era mestre; mais tarde o vemos ensinar com applausos fóra do reino a mesma disciplina.

Quando os padres nerys estiveram ameaçados de uma proscricção quasi igual á dos jesuitas, a ponto de serem obrigados a celebrar os officios divinos a porta fechada, parece que mais especialmente se declarára contra alguns a má vontade do poderoso ministro d'elrei D. José; e do numero d'esses foi sem duvida Theodoro d'Almeida, que se refugiou em França no mez de setembro de 1768. De passagem contaremos uma anecdota d'esse tempo. — Buscando o marquez de Pombal motivos para proceder contra a Congregação, mandou, entre outras averiguações domiciliares nas casas d'ella, indagar o estado da prisão privada, suppondo que deveria have-la como em todas as ordens religiosas. O ministro visitador pediu as chaves do carcere ao prelado superior, mas este respondeu-lhe: — a porta do carcere é aquella — apontando para a da rua. Sabido é que os congregados penduravam a roupeta e largavam a clausura quando lhes aprazia, sem que o prelado ou qualquer lh'o impedisse.

O padre Theodoro deu lições publicas, durante o seu desterro, primeiro em Bayonna, começando-as pela geometria e algebra; e depois em Auch, onde fez um curso de geometria, geographia e physica; adquirindo tanta reputação que foi convidado para reger em Brest uma cadeira de physica, offerecimento que recusou, bem como rejeitara prebendas ecclesiasticas e a reitoria de um collegio de Bayonna, mantendo sempre esperanças de tornar á patria, que nem perseguido lhe esquecêra. Poude, com effeito, voltar a Lisboa em março de 1778; e tendo-se acabado a reedificação da Casa da invocação do Espírito Sancto ao Chiado, em outubro de 1792, para ali se passou a tomar conta da cadeira de philosophia, que leccionou até o fim de sua vida, que teve o termo feliz do homem justo, sabio e laborioso, a 18 de abril de 1804, contando pouco mais de oitenta e dois annos, por haver nascido, n'esta capital, em 7 de janeiro de 1722.

Theodoro d'Almeida adquiriu os primeiros graus da instrucção na casa, já mencionada, do Espírito Sancto, e distinguio-se por boa educação, porte sisudo, e applicação escholastica, de maneira que muito novo mereceu ser admittido á corporação religiosa a que pertenciam seus mestres. Quer fosse por vocação propria, quer por alheio conselho, em todo o caso foi acerto que o futuro justificou. E porque aquella corporação ecclesiastica, comprehendida na geral extincção das ordens religiosas, pôde tambem ser confundida com estas na imaginação da mocidade que se está criando, não obstante os assignalados serviços que prestou á educação litteraria da mocidade lisbonense, principalmente na Real Casa das Necessidades, trasladaremos a sua mais exacta definição nas seguintes poucas palavras do bispo de Vizeu, um dos classicos escriptores dos nossos dias. — «A Congregação do Oratorio de S. Filippe Nery não é d'estas corporações ou institutos, em que o encarecimento e estreiteza dos votos, o profundo da solidão, as austeridades da disciplina sirvam a mover o enthusiasmo ou attrahio. É uma grave associação de ecclesiasticos, que tem por unico vinculo o desejo unanime de alcançar a perfeição do seu estado, que não evitam do mundo senão os embaraços á virtude e os riscos de a perder, que no modo regular de vida se limitam á simplicidade e frugalidade do christão, obrigado a ser em seus costumes doutrina e exemplo aos homens do seculo. Não é tolhido a cada um que aspire no seu particular á practica tão alta dos conselhos evangelicos; mas em

commum restringem-se aos propositos e funcções do sacerdocio e ao serviço da Igreja, de que nunca se pôde desunir o do Estado, pelos meios da relogião e da litteratura. — (D. Franc. Alex. Lobo — *Elogio de D. José Maria de Mello.*)

A ideia fundamental do instituto, que abraçara, correspondeu a longa carreira de estudo constante e de accões religiosas do padre Theodoro, ainda que a maledicencia quizesse inerepato de nimiamente beato ou de fingido, reluzem os affectos de crenga e piedade sinceras nos seus escriptos espirituaes, que são muitos, como as *Meditações sobre os attribulos divinos*, as cartas, os opusculos, entre estes dois intitulados *A vida, e a morte alegre do philosopho christão*. — D'isso mesmo dão testemunho contemporaneo os desinteressados e dignos de credito. O padre Theodoro foi assiduo no pulpito até muito além dos setenta de idade, e publicou uma collecção de sermões, e o *Pastor Evangelico*, deixando manuscriptos dois volumes de *Practicas*. Dos seus trabalhos scientificos são tambem documentos as *Instituições Physicas*, publicadas em latim em 1785, e o seu *Planctario* que, datando de 1796, é por auctoridade competente reputado superior ao do celebre Desaguliers.

Cuidadoso da educação que promovia por conselhos oraes e por obras dadas á estampa, como a *Geographia breve para uso das educandas do recolhimento da Visitação*, igualmente se desvelava pela cultura moral e religiosa do entendimento e do coração. Contribuiu efficaçmente para a fundação do seminario dos orphãos, instituido pelo padre Antonio Luiz de Carvalho, e para a do convento da Visitação, para onde vieram de Ancy as cinco primeiras fundadoras, que foram recebidas com grande solemnidade a 26 de janeiro de 1784. D'esta casa foi elle o director ao mesmo tempo espirital e litterario.

Este homem, dotado de relevante merecimento, dando toda a vida ás sciencias, tambem intentou colher flôres nos campos amenos da litteratura, abalanzando-se a tentativas poeticas; e não se limitou a pequenas composições, commetteu a empreza de extensos poemas. Foi porém infeliz, porque se algum dote lhe faltava era por certo o dom da inspiração dos vates, e nem sequer possuia a arte da simples metrificacção: não nos deixam mentirosos a *Lisboa destruida*, e os ensaios do *Feliz indigente*, primeiro em rima, depois em verso solto. N'esta obra de amparou-o a final a mania poetica; chegou a conclui-la em prosa, e assim conseguiu que por alguém fosse lida: e comtudo uma ficção moral, onde no maravilhoso figuram as paixões personalizadas; é prolixa, fria e esecante, do que proveio chamarem-lhe os facetos — o feliz impertinente. — Apesar d'isso, a novella do padre Theodoro obteve oito edições na traducção hespanhola, o que pôde servir de allegação aos que ainda tiverem a paciencia de a ler. — A concepção do auctor era nobre e digna dos seus virtuosos sentimentos, mas peccou nas fórmas e na geral contextura da obra, porque lhe faltava o gosto apurado, que deu a immortalidade ao auctor do Telemaco.

Porém, se os louros do Parnaso não vecejavam para corôa do nosso philosopho, merecido galardão lhe coube recebendo-o em seu gremio com distincção algumas celebres corporações scientificas, principalmente a Academia Real das Sciencias de Lisboa, e a Sociedade Real de Londres. Sabios estrangeiros o honraram com sua correspondencia e elogios: entre os patricios ainda hoje são populares seu nome e memoria.

O GOVERNO absoluto em Portugal, dizia certo nobre, sustenta-se em tres H: Ignorancia, Inconfidencia, e Inquisição.

GOMES FREIRE DE ANDRADE.

(Continuado de pag. 21.)

Lava geral e desconsolo dos portuguezes em 1817, por causa da transferencia da corte para o Rio de Janeiro, d'onde não voltavam despachados os requerimentos sem grande acrescimo de despeza e irreparavel perda de tempo; além de que, o fausto da corte, absorvendo a maior parte dos rendimentos de Portugal, muito diminuidos pelos estragos d'uma guerra diuturna, convertéra em outros tantos bandos de mendigos as classes, assis numerosas, dos que serviam o estado. A dos militares deplorava, afóra os males communs a todos, a falta dos accessos, a que lhe fechava a porta crescido numero de officiaes inglezes, conservados nas fileiras do exercito depois da campanha peninsular; finalmente o general Cabanas, vindo incognito a Lisboa com a mira em promover uma revolução de accordo com os liberaes de Hespanha, para lembrar a necessidade d'uma mudança politica, encaminhada a substituir a regencia do reino por um governo mais pópular, e a privar o marechal general lord Beresford, marquez de Campo Maior, do mando absoluto que tinha nas tropas. Quizeram aproveitar este ensejo alguns homens faltos de representação e dinheiro, e em nome d'um *Conselho Regenerador*, formado na sua imaginação, começaram a fazer proselytos militares com preferencia, e a espalhar pasquins e proclamações, impressas por alguns dos socios contra o rei, e recheiadas de pretextos frivolos, como eram o ter vendido Portugal ora á Inglaterra ora á Hespanha. Sobre tão fracos alicerces se propuzeram elles a erguer um propugnaculo d'onde guerreassem a realza de D. João VI, ao qual accusavam de ingrato e queriam derribar do throno, exacerbados talvez pelo apoio que dava a lord Beresford, a quem votavam odio fegada. Para acreditar este conselho fabuloso, que expedia ordens aos seus *reinos e aos seus exercitos*, careciam de citar um nome respeitavel, capaz de vencer a repugnancia dos corvoados mais prudentes ou mais timoratos, fazendo-lhes conceber a esperanca do bom exito d'uma empreza tão perigosa. Este nome foi o de Gomes Freire, o qual vimos, pela carta inserta no artigo antecedente, resolvido a viver retirado dos negocios, e parece não se haver apartado d'esta salutar resolução, pois fugia até de frequentar os logares publicos.

O leitor imparcial que meditar um pouco sobre a doutrina e linguagem das proclamações, sobre a nobreza e influencia dos conspiradores, sobre as ceremonias precis, interrogatorios e juramentos que precediam as admissões, ficara meio convencido de que Gomes Freire não podia implicar-se na conspiração, do modo que se figurou, sem ter perdido o juizo. Nada mais proprio para matar o entusiasmo do adepto do que ver-se, ao tirarem-lhe a venda, n'um conventiculo de tres pessoas insignificantes, sentadas no canto d'uma casa ao pé d'uma mesa, sobre a qual ardia uma vella com a sua bandeirola de papel partido para lhes assombrar as caras. Por fatalidade, a esta conjuração, que seria ephemera se logo se promettesse atalla-la, deu-se todas as largas para que tomasse corpo, despertasse horror, e arrastasse ao cadafalso muita victima, que ficara bem castigada com penas incomparavelmente mais leves. As mortes desnecessarias d'aquelles malaventurados confrangem os corações, mas a de Gomes Freire, não convencido do crime de lesa magestade, foi, em rigor, mais um assassinio politico.

Por indiscricão d'um dos principaes conjurados se descobriu a conspiração muito a tempo de a aba-

far. Antonio Cabral Calheiros, encontrando-se n'um botequim com um ajudante d'ordens do commandante da 3.^a brigada d'infanteria em Traz-os-Montes, entrou a raliar do governo em voz alta, e convidou o ajudante, que o contradisse, a acompanhá-lo a casa para lhe ler uma proclamação. No fim da leitura perguntou-lhe que tal lhe parecia. «É quanto basta», respondeu o ajudante, para o enforcarem e a todos nós.» O facto foi contado por este a outro ajudante do governador do Além-Tejo, e chegou aos ouvidos de Beresford, que estava áleria com a vinda de Cabanas, e deu ordem positiva por escripto, em nome do rei, a estes dois militares, e a um bacharel da mesma terra de Cabral, para lhe irem relatando o andamento da conspiração, em que fez entrar o bacharel e o official que primeiro a descobriu no botequim. Obedeceram ambos, e posto que depois de admittidos muitas vezes se lhes marcasse dia para serem appresentados a Gomes Freire, nunca o viram. Por isso o ajudante, envolvido por mandado do marechal general no rol dos conjurados, não hesitou em declarar, n'uma carta publicada em Londres com auctorisação sua, «que não tinha motivo algum para presumir que elle fosse um dos conspiradores, senão o que tinha ouvido dizer a Cabral.» Na verdade, as vãs promessas de que elle lhe appareceria, e o extravagante aviso que por ultimo lhe fizeram para ir ás pedreiras de Alcantara com phosphoro e duas vellas de cera, para n'uma caverna receber certos papeis da mão do tenente general, deviam te-lo capacitado de que ou abusavam da sua paciencia, ou não o julgavam fiel, ou era impossivel a apparição de Gomes Freire. Excluida a idéa da zombaria e da desconfiança, por isso que lhe haviam revelado o mais secreto dos seus planos, estava provada a impossibilidade.

Lord Beresford remetteu em 22 de maio de 1817 aos governadores do reino as provas do que se tramava, e instou pela prisão dos implicados para evitar que o negocio transpirasse.

Na tarde de 24 para 25 recebeu Gomes Freire cartas anonymas participando-lhe que á meia noite havia de ser preso, e pela bocca do padre Manuel de Mesquita, D. abbade do mosteiro de Belem, ouviu igual aviso, sem que procurasse evadir-se. Aos conselhos prudentes do amigo oppoz protestos de innocencia, e para melhor mostrar que de nada se receava, tendo passado parte da tarde em casa do conde de Rio Maior, onde disse o que estava para lhe acontecer, não obstante isso, recolheu-se essa noite muito mais cedo.

Alta noite cercam-lhe a casa de soldados da policia, arrombam-lhe a porta da rua, e successivamente todas as outras interiores até entrarem no gabinete onde estava, e o tenente coronel d'aquelle corpo, fazendo apontar as espingardas ao peito do tenente general, como se por ventura se tractasse da captura d'algum famigerado facinoroso, bradou-lhe por detraz dos soldados: «Vossa excellencia está preso!» Elle, sem dar signal de susto, e sem resistir, exprou-lhe a villanta da acção, e estranhou ser preso por official de patente inferior, contra as usanças militares. Adiantou-se então o ajudante do intendente general da policia, e appresentando-lhe a ordem o general se deu á prisão. Depois de lhe apprehenderem todos os papeis, metteram-n'o n'uma sege de aluguel com o ajudante do intendente, e, escoltado por uma força de cavallaria, conduziram-n'o para a torre de S. Julião onde chegou ás seis horas da manhã.

Dourava o sol as grimpas da altiva Lisboa: o malhadado preso olhou saudoso para a cidade, onde lhe ficava quanto tinha de mais claro: correram-lhe ra-

pidos pela mente os dias da passada gloria; ao remanso da vida, ao suave tracto dos amigos disse-lhes o adeus derradeiro, e transpoz o limiar da fatal torre, que devia ser a sua ultima habitação n'este mundo.

Dos outros accusados de conspirarem muy poucos escaparam. Em quanto se prendiam, conservou-se a tropa em armas, com espingardas carregadas, mórões accesos, e todo o mais apparatus bellico que é do estylo quando o inimigo está á vista. Beresford vieira estabelecer o seu quartel general em Alcantara, no aquartelamento de cavallaria n.º 1, e d'alli destacára patrulhas pelas praias.

Apenas Gomes Freire entrou na torre foi lançado n'um calabouço. Aquelles commodos indispensaveis, que não se negam aos maiores criminosos, não os teve elle. Dormiu sobre as lageas humidas da masmorra...

Nomcou o governo sir Archibald Campbell para commandante da torre. Condoído do preso, a quem não davam de comer, sustentou-o á sua custa, até que, no fim de seis dias, a poder de sollicitações, chegou ordem para se dar ao tenente general Gomes Freire a mesquinha pensão alimentaria de doze vintens diarios, no caso d'elle não ter dinheiro ou outro modo de se sustentar. Gomes Freire preferiu escrever a alguém de sua familia, afim de obter dinheiro.

Uma cama que então lhe concederam de pouco allivio lhe servia, por estar sempre repassada de humidade.

O marechal Campbell não era um carcereiro deshumano, era um homem de charidade e militar honrado: o preso inspirou-lhe ao principio dó, depois interesse, e por ultimo amizade; deu-lhe pois todas as provas d'um coração bemfazejo, compatíveis com o rigor das ordens superiores. Passadas algumas semanas cobriu-se a cara do preso de pustulas que lhe causavam dores agudissimas e tresvarios. A este tempo faziam-se lhe interrogatorios.

O commandante da torre requereu um medico; foi lá o physico mór do exercito e certificou não ser de perigo, se bem que muito dolorosa, esta doença, procedida de se não ter barbeado o preso havia muito tempo. Sir Archibald Campbell mandou comprar navalhas de segurança, e pediu licença a intendencia geral da policia para se fazer a barba ao desgraçado Gomes Freire, — foi-lhe negada; instou mandando appresentar as navalhas, — nova repulsa; pediu ser rendido, não lh'o concederam. E quasi a historia da amputação da perna gangrenada de Maroncelli, demorada até vir ordem de Vienna.

Tinha Gomes Freire pedido licença para enviar a circi um requerimento pela mão de lord Beresford, o qual respondeu a Campbell, em data de 24 de junho, que o tenente general Gomes Freire podia comunicar-lhe o que desejava, escrevendo na presença do commandante da torre, e sendo os escriptos levados pelo marechal general á presença dos governadores do reino. E acrescentava: «Eu não preciso dar-vos outras instrucções senão que vejaes e olheis bem que vos parece o estado da sua cabeça e do seu juizo, porque pela informação que me deu o tenente coronel Haddock, quasi parece que está algumas vezes fóra de si.»

Gomes Freire remetteu-lhe um protesto em cuja appresentação ao soberano punha a ultima esperanza, e indagando o que era feito d'elle, declarou lord Beresford a Campbell, em carta de 7 de setembro, que transmittira tudo ao presidente do governo, sem deixar copias do papel dirigido ao rei, nem tampouco do que era enderegado ao duque de Sussex. Rematava o marechal general a sua carta, dizendo: «Sou muito explicito n'este ponto, porque a pobre creatu-

ra (poor fellow) parece julgar que o conhecimento do destino que tiveram estes papeis lhe pode ser útil para a sua defeza, para a qual nada que dependesse de mim haveria certamente de ser omittido ou recusado. O que os papeis diziam é, e sera talvez para sempre, um mysterio; mas é notorio que Gomes Freire respondeu a Campbell quando soube o destino d'elles: «Sendo assim, vossa excellencia ve á que eu sourei enforcado como um cão n'esta fortaleza.»

O processo tenebroso da conspiração foi progredindo; nem faltou quem culpasse Gomes Freire para salvar-se á sombra do seu nome illustre (1); feclaram-se os olhos aos depoimentos que o favoreciam, esquadrihou-se e deu-se vulto a quanto o carregava, trocaram-se datas, e conclusos os autos, sem que Gomes Freire, o unico que permaneceu no segredo, fosse acariado com os accusadores, subiram da intendencia para o governo, que os remetteu as tribunal do juizo da inconfidencia, onde com incrível brevidade foi proferida a sentença de 15 de outubro de 1817, condemnando-o a morte com mais onze victimas, e a outras quatro em degredo. Dos depoimentos de Gomes Freire, em que a própria sentença nota muitas contradicções, effeitos do tresvario e da difficuldade com que se explicava em portuguez, aproveitaram-se os dictos tendentes a agravar a culpa, para se lhe impor as penas de garrote na forca, de lhe cortarem a cabeça, de ser queimada com o corpo, de lançarem as cinzas ao vento. A cerca do protesto que o condemnado tanto desejava submeter ao rei, nenhuma reflexão se fez; ou se desencaminhára, ou não o quizeram ver: á coactada de que elle pretendia, caso houvesse uma subita explosão, dirigi-la em ordem a conservar o reino ao soberano, evitar a anarchia, e salvar a patria, nenhuma refutação convincente quizeram tragar n'uma sentença que deu o epitheto de *sacrilegas* a certas expressões escriptas contra lord Beresford, e fez menção, como d'um crime, da analyse do regulamento do exercito.

Dias antes de sentenciados os réus, títchido para a torre um desembargador a titulo de assistir as perguntas, e regular as communicações. Morrer arrebatado era o mais vehemente desejo de Gomes Freire: fez a barba, vestiu-se e calçou-se, esperando em que, á semelhança de Ney, sem pestanejar, daria a voz de fogo, e carria crivado de baillas. Quando porém soube que, sobre embargos, lhe fóra commutada a pena na de morrer enforcado; quando o espirito e lhe enfiaram a fatal alva, deu lhe um desmaio. Tornando em si, ouviu ler a sentença com animo tranquillo, quiz escrever aos seus parentes e amigos, e como lh'o não consentissem, recolheu-se ao silencio para morrer em paz com o mundo. Grato ás attensões de Campbell, mandou lhe rogar pelo tenente coronel Haddock que viesse receber o adeus da despedida, e assim que Haddock voltou com as cortezes desculpas do commandante, sentou-se na cama em que estava deitado, estendeu lhe a mão, apertou lh'a, e escutou-as com mostras de satisfação.

A intimidade que parecia reinar entre os dois fez crer que elles se haviam feito signaes mágicos. A's cinco horas da manhã de 15 de outubro estava a tropa em armas, e tudo disposto para a execução; porém mal saiu o paçoente da porta do calabouço, deitou a fugir o prestito dos ministros e officiaes de

(1) Foi sua mãe a condessa de Schafgoche, filha do conde Wencesláu de Schafgoche, e da condessa do mesmo titulo, da casa dos condes de Aithen; ambos das mais antigas e illustres familias da Bohemia. Nasceu no anno de 1757, e não em 1759. Depois de impresso o 1.º artigo alcançamos estes esclarecimentos por intervenção de L. V. de Leucastre, a quem muito os agradecemos.

justiça, pretextando perigarem as suas vidas em razão de estar Haddock de intelligencia com o réu, e haver manifestado altamente a sua indignação ao ver que o obrigavam a caminhar descalço para o patíbulo; tormento que Gomes Freire reputou o mais cruel de quantos tinha soffrido.

A' vista d'este pavor, real ou fingido, disse Gomes Freire, sorrindo amargamente: «Pois tem medo de mim no estado em que me acho!»

Em baldadas diligencias para ser rendido Haddock do commando da guarda se consumiu mais de uma hora, prolongando-se o martyrio ao infeliz Gomes Freire. Desenganados, conduziram-no ao patíbulo fóra da fortaleza de S. Julião, e requereram, sem fructo, ao coronel de infantaria 19 que mandasse fazer meia volta á direita, para que Gomes Freire não fizesse algum signal que revoltasse os soldados.

Dado o da execução, subiu Gomes Freire com desembaraço e serenidade os degraus do patíbulo... Dos olhos de Haddock rebentavam as lagrimas: o sacrificio estava consummado. A's nove horas da manhã tinha voado para Deus a alma de um dos maiores generaes portuguezes (1).

Réu ter-lhe-ia aproveitado o perdão do soberano, innocente defende-lo-hia a sua justiça, se tivessem querido consultar a vontade d'elrei D. João VI, sempre inclinado á clemencia.

No mesmo dia eram executadas no Campo de Sancta Anna mais onze victimas, e as fogueiras, muito tempo depois, ainda enchiam de terror os consternados habitantes de Lisboa. Passados quasi tres annos resoavam em todo o Portugal os vivas ao systema constitucional. Ignorando esta mudança voltava do Brasil o marquez de Campo Maior, revestido de poderes amplissimos; mas o governo constitucional não o deixou desembarcar, e o vento contrario deteve-o no Tejo até 18 de outubro de 1820! Um anno depois, no mesmo dia, á roda d'um cenotaphio levantado na igreja de S. Domingos, assistia quanto havia de bom em Lisboa ás exequias das victimas de 1817, cuja memoria veio a ser rehabilitada por sentença de 20 de maio de 1822.

HABITANTES DAS LANDES DE BORDÉUS.

(Continuado de pag. 22.)

OS CAMPEZES das dunas, por effeito de antigas preocupações, ainda entre os estrangeiros tem fama de pedirem com votos cubicosos o naufragio dos navios que passam á vista da costa das Landes, chamada com tanta razão *costa de ferro*. Comtudo ninguem hoje é mais humano e compassivo do que elles; e uma infinidade de acções generosas attestam a sua coragem e desinteresse. O naufragante é alli soccorrido na sua afflicção e tractado com mil cuidados; os cadaveres das victimas das tormentas, por desgraça soberanamente numerosos, recebem religiosamente sepultura: os salvados são respeitadas.

Em quanto os homens guardam gado, ou colhem resma, ou fazem carros, as mulheres das Landes empregam-se no trabalho caseiro, no amanho das terras, e em preparar carvão. A' parte, verdadeiramente injusta e superior ás suas forças, do labor que tem a seu cargo, accresce a criação dos sirgos ou bichos da seda, e das abelhas; tarefas em que estas tristes

creaturas se occupam com tamanha actividade que antes de tempo se fazem velhas. Todas, salvo poucas excepções, nascem bonitas, e o são até os vinte annos; passado este termo realmente fatal, a olhos vistos se definham.

Não acontece outro tanto ás mulheres das povoações grandes; sobre tudo as da pequena cidade de Dax gozam da geral opinião de formosas e agradaveis na conversação e no modo.

No districto de Born ha um costume tradicional, quanto a ajustes de casamentos, escrupulosamente observado, em virtude do qual ao amante rejeitado chamam *namorado das nozes*: referi-lo-hemos por singular. — Quando um paisano quer pedir uma rapariga, vai acompanhado de dois amigos á noite bater á porta da sua bella; prevenidos da visita, os donos da casa franqueam-lhe a entrada, e cada um toma lugar a mesa em que está posta a cêa. Come-se bastante, bebe-se-lhe melhor, palra-se muito, mas nem palavra se diz sobre o objecto da visita. Assim corre a noite, e, ao alvorecer, a donzella levanta-se e vai buscar a sobremesa composta de differentes pratos; se n'um d'elles traz nozes, o pertendente deixa o lugar, corteja a toda a pressa, e abala com os seus dois amigos, testemunhas d'esta despedida symbolica e formal. Poucas horas depois é publico o caso, que impõe a desastrada alcunha de *namorado das nozes* ao noivo repudiado, até que se lhe offereça outra sobremesa mais felizmente combinada.

Arranjam-se os casamentos mais á cavalheira, e quasi á moda primitiva, n'aquella parte das Landes que pertence ao *departamento* do Gironda. — Em dia festivo depois da missa, os parochianos apartam-se a um lado e as mulheres a outro, formando circulo defronte da igreja: no meio está um pastor trepado n'uma pedra *ad hoc*, atraz do qual fica, repartida em bandos, a mocidade de um e outro sexo. Ao cabo de dois ou tres minutos d'espera e recolhimento, o pastor levanta ambos os braços, e entoa em altos berros uma cantiga bem acceita, mas de tal incoherencia euphonica que é difficil imagina-la. O canto selvagem é signal de uma dança brutesca, pulando cada homem toscamente diante do seu par, muito attento em imitar-lhe os movimentos. Brevemente se declaram na gente moça velleidade, matrimoniaes: um agarra a mão da sua querida apertando-lha por algumas vezes; se a estas provocações pouco equivocas ella corresponde com um apertão de mão significativo, o noivo a empurra para fóra do circulo; e ambos que, até então, conservavam os olhos baixos, já se contemplam, dizem mutuamente algumas palavras seguidas de quatro ou cinco cachações, e correm a procurar seus pais para lhes declarar que estão *ajustados*. Tracta-se dos arranjos sem demora, e é chamado o cura para marcar o dia dos desposorios a que hão de assistir os moradores da parochia. A noiva apparecerá com vestido de serguilha tálhado sem graça, e um toucado feito de muitos lenços, ou uma coifa de grandes franjas cõr de papoula, trazendo por cima como bonito enfeite, um chapéu guarnecido de fitas pretas com um ramo de gnaphalio ou alecrim das áreas: em cada braço ha de trazer uma cestinha para recolher os presentes que, por uso imperioso, se devem offerecer ao novo par, para quem, no fim de contas, o facho do hymeneu lança uma claridade baixa; porque a influencia que o amor tem no paisano das Landes é, quando muito, analogá á que sentem o castor e outros quadrupedes amphibios.

(Continúa.)

ESTE mundo é comedia para quem vê, e tragedia para quem sente.

CESAR CANTO.

(1) Julgamo-lo auctor d'um folheto com o titulo de *Mémoire raisonnée de la retraite de l'armée combinée espagnole et portugaise du Douro*. Par G... F... officier au service de Portugal.